

SEÇÃO I - ARTIGOS

13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio.

Edson Renato Nardi²
Leticia Rossi Feliciano Brigagão³

Resumo: O objetivo deste artigo é reexaminar o fenômeno do suicídio, substanciado na série televisiva *13 reasons why*, criada por Brian Yorkey no ano de 2017. Neste reexame, analisa-se o conteúdo do seriado, a polêmica oriunda de seu tema e as razões que impulsionaram a protagonista ao auto-extermínio. A investigação é direcionada ao estudo das teorias de alguns filósofos, que teceram considerações relevantes sobre a questão: Albert Camus, Sigmund Freud e Arthur Schopenhauer. Objetiva-se ainda, pela pesquisa bibliográfica e filmológica, a diferenciação das motivações que estruturam a autodestruição, os posicionamentos filosóficos que esclarecem essa conduta e, por fim, busca-se expressar a possibilidade da abordagem do tema do suicídio aos adolescentes no ambiente educacional.

Palavras Chaves: 13 reasons why; suicídio; Camus; Freud; Schopenhauer; ensino.

13 Reasons Why: a philosophical analysis of suicide from the standpoint of Camus, Freud and Schopenhauer and their pedagogical approach in High School.

Abstract: The purpose of this article is to re-examine the phenomenon of suicide, substantiated in the TV series *13 reasons why*, created by Brian Yorkey in the year 2017. In this revision, the content of the TV series is analysed, as well as the polemic about its subject and the reasons that drove the protagonist to the self-extermination. The investigation is directed to the study of the theories of some philosophers that made relevant considerations on this question: Albert Camus, Sigmund Freud e Arthur Schopenhauer. A literature and filmological research also aims to differentiate the motivations that structure the self-destruction, the philosophical positions that clarify this behavior, and finally to express the possibility of approaching the subject of suicide to adolescents in the educational environment.

² Doutor e mestre em Educação pela Universidade do Estado de São Paulo - Araraquara. Atualmente é coordenador do curso de graduação em Filosofia na modalidade EAD do Centro Universitário Claretiano, do curso de pós graduação em ensino de Filosofia e do curso de especialização em Aconselhamento Filosófico nesta mesma entidade. Atua profissionalmente também na rede pública de ensino, há cerca de 25 anos, como docente efetivo nas disciplinas de Educação Física e Filosofia. Nesse momento, é pesquisador responsável no Brasil pelo projeto BOECIO, investigação internacional capitaneada pela Universidad de Sevilla que busca analisar o impacto de oficinas de sabedoria estoíca e experiencialidade em encarcerados. Pesquisador CNPq do GECEF-CEUCLAR- Grupo de Estudos em Cinema e Ensino de Filosofia do Centro Universitário Claretiano. E-mail: filosofiaead@claretiano.edu.br

³Graduada em Direito pela Universidade José do Rosário Vellano (2000). Atualmente é Oficiala de Apoio Judicial D efetiva - Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito de Família e Sucessões, Infância e Juventude e Direito Criminal. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho(2012) e Filosofia e Ensino da Filosofia(2013), pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais-SP. É ainda especialista em Direito Penal pela Faculdade Internacional Signorelli (2016) e em Filosofia e Teoria do Direito(2017) pela PUC-Minas. Atualmente faz graduação em Filosofia – Bacharelado pelo Centro Universitário Claretiano(2017); especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio(UFSJ - 2017), bem como pós-graduação em Design Instrucional pela Universidade de Federal de Itajubá-MG(2017).Pesquisadora CNPq do GECEF-CEUCLAR- Grupo de Estudos em Cinema e Ensino de Filosofia do Centro Universitário Claretiano. E-mail: lrossif@hotmail.com

Keywords: 13 reasons why; suicide; Camus; Freud; Schopenhauer; education.

Introdução

O suicídio é uma ação voluntária na qual o indivíduo provoca o aniquilamento de sua própria existência. A relevância dos estudos acerca desse tema fundamenta-se no florescimento dos índices de sua ocorrência, especificamente no universo dos pubescentes.

Em conformidade com a Organização Mundial de Saúde (2016): "[...] mais de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos no mundo, sendo esta a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos".

A ideia do suicídio entre os jovens é, por isso, um acontecimento que exige uma percepção social apurada, uma vez que esse grupo é o mais fragilizado por questões relativas à ansiedade, à depressão, ao uso de drogas, à violência e ao *bullying*.

A seriedade do tema é tão vasta que vem sendo tratada por diversas áreas do conhecimento no desdobramento da história. A filosofia, no que diz respeito ao suicídio, possui exemplos graves e memoráveis de função eletiva como uma resolução para as circunstâncias inaceitáveis da vida.

O sábio Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C) concebeu, consoante Pirateli e Melo (2006), o artifício da morte como um aspecto estruturante da arte da vida, ou melhor, entendeu que o refinamento é um ânimo particular da essência humana.

Já o hedonista Egésia (séc. IV a.C.) teria, segundo Diógenes Laércio, professado em seus ensinamentos, a impossibilidade de realização da felicidade e uma profunda aversão pela vida: "A felicidade é [...] irrealizável. Vida e morte devem ser tomadas sem preferência [...]. Para o insensato, viver pode ser vantajoso; para o homem sábio é indiferente" (apud REALE, 1994, p. 49).

No meio das inúmeras interpelações filosóficas sobre o enunciado faz-se necessária uma menção às ideias do escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) e a seus desdobramentos.

Em 1774, o até então jovem e desconhecido escritor Johann Wolfgang Von Goethe, surpreende a sociedade de sua época com uma obra que veio a marcar culturalmente aquele período. Intitulada **Os sofrimentos do jovem Werther** (Die Leiden des jungen Werthers), nela se apresenta os infortúnios de um jovem frente aos

dissabores do amor não correspondido e que, paulatinamente, ocasionam uma angústia de tal monta no personagem, que o levam a cometer suicídio.

O tema desta obra e o modo com que foi explorada pelo jovem autor, ocasionou uma série de desdobramentos importantes na sociedade à época. As características do jovem, os sofrimentos que vivenciava e a forma com que o fazia, delimitaram alguns dos elementos chave daquilo que seria intitulado de movimento romântico⁴ na literatura e na filosofia. Mais ainda, um efeito inesperado de tal abordagem se fez presente. Intitulado de efeito *Werther*, constatou-se uma onda de suicídios semelhantes ao realizado pelo protagonista da obra, ou seja, inúmeros cidadãos cometeram suicídio tal como o do personagem e, diante desse efeito inesperado, começou-se a aventar a possibilidade de que os meios de comunicação poderiam vir a favorecer o incremento de suicídios.

Atualmente, podemos afirmar que já existe uma literatura científica que corrobora essa possibilidade do chamado efeito *Werther* e, dentre elas, citamos o trabalho de Phillips (1982) ou, ainda, o trabalho de Stack (2002) que corroboram cientificamente essa possibilidade, sobretudo a respeito do impacto de coberturas jornalísticas sobre eventos suicidas.

Afim de que o leitor possa ter uma visão geral das consequências destas descobertas, muitos países estabelecem em seu código jornalístico a proibição da divulgação de casos de suicídio extremos e o uso, inclusive, deste termo. Nesse sentido, vejamos abaixo algumas das prescrições produzidas pela *World Health Organization (OWE)*⁵ a respeito dos cuidados que a mídia deve ter ao tratar a temática do suicídio (2008, s/p):

Aproveite a oportunidade para educar o público sobre o suicídio. Evite linguagem que ilumine ou normalize o suicídio, ou o apresenta como uma solução para os problemas. Evite colocação proeminente e repetição indevida de histórias sobre suicídio. Evite descrição explícita do método usado em uma tentativa de suicídio. Evite fornecer informações detalhadas sobre o site de uma tentativa de suicídio. Use manchetes com cuidado. Tenha cuidado ao usar fotografias ou imagens de vídeo. Tome especial cuidado

⁴ O Romantismo é um movimento filosófico e literário que tem como ponto de partida o Iluminismo e, enquanto o movimento iluminista tem como ênfase a promoção e o exercício da razão, o movimento romântico estabelece o autoconhecimento emocional como um elemento importante para a melhoria do ser humano e da sociedade. Nele, a ênfase na subjetividade é valorizada e a racionalização científica criticada. Isto porque sua objetividade, calcada na análise, falsificaria a realidade. O caminho para a redenção humana passaria então pelo exercício da intuição subjetiva, o exercício do sentimento e a experienciação da natureza de um modo não objetificante do qual o homem também faria parte.

⁵ A World Health Organization (Organização Mundial da Saúde) é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas cuja sede fica em Genebra, na Suíça.

em assinalar suicídios de celebridades.

Finalizamos essa introdução sobre o tema com o intuito de contextualizar o quanto esse fenômeno é polêmico e os inúmeros perigos da abordagem pouco cuidadosa sobre o suicídio e, deste modo, consideramos que existem condições para tratar efetivamente da série *13 reasons why* e sua relevância para a discussão proposta neste artigo. Isso porque, esta série não somente tem, ousadamente, no tema central de sua trama, o suicídio, como também um dos personagens centrais concretiza essa ação e o modo que o faz é exibida a todos os seus espectadores sem nenhum corte ou censura.

13 reasons why e o suicídio

Essa série, produzida pela provedora de filmes e séries Netflix⁶, no ano de 2017, é oriunda de obra homônima e *best-seller* redigida pelo escritor norte-americano Jay Asher.

Os treze episódios da coleção estão estruturados no protagonismo de uma estudante suicida e no relato de seu passado/presente contido em fitas cassetes por ela gravadas.

A estória inicia-se pela narrativa do adolescente Clay (co-protagonista) e desenvolve-se sequencialmente em uma articulada sucessão de áudios que relatam os treze motivos que levaram Hannah Baker ao próprio extermínio.

A progressão dos acontecimentos narrados sugere a complexidade dos fundamentos da morte da intérprete principal: o distanciamento familiar; as inseguranças e incertezas próprias da adolescência; o *bullying* e a violência; a negligência escolar; e, por fim, a solidão.

Esse enredamento de causas, ou mesmo, a imprecisão no tratamento dos estímulos que a levaram ao fim de Hannah, insinuam a confusão do interno e do externo na composição da sua personalidade, já que seus sentimentos pessoais são sequelas do ambiente em que está inserida.

Logo, a ação e a omissão dos colegas, dos pais e dos educadores, descritas

⁶*13 reasons why* (estilizado em tela como *Thirteen Reasons Why*) é uma série de televisão americana baseada no livro *Thirteen Reasons Why* (2007), de Jay Asher, e adaptado por Brian Yorkey para a Netflix. A série gira em torno de uma estudante que se mata após uma série de falhas culminantes, provocadas por indivíduos selecionados dentro de sua escola. Uma caixa de fitas cassetes gravadas por Hannah antes de se suicidar relata treze motivos pelas quais ela tirou sua própria vida.

progressivamente nas cenas, são os impulsos de que ela se vale com a intenção de posicionar-se em sua realidade.

Os jovens da série são possuidores de uma personalidade marcante, expressiva, densa, sendo o *bullying* resultante dos comportamentos do bando, na escola, um reflexo da ambiguidade do sofrimento, ou seja, do sofrer e do causar dor.

Essa ambivalência costuma, outrossim, ser sentida na inexatidão do que é o “bom” e do que é o “mal” no contexto da narrativa, não possuindo os personagens – que ora são vilões, ora heróis – papéis internos definidos.

A carência de equilíbrio das participações sociais expressa a imaturidade dos personagens juvenis e uma belicosidade natural, própria da vivência de pressões internas e externas nessa fase da vida, refletindo, de certa forma, a anarquia mental de Hannah e a desordem e escuridão interna de seus colegas.

Manipulando habilmente conceitos psicanalíticos como a perda, o luto, o remorso e a responsabilidade, pode-se dizer que o prestígio da série se apoia bastante na descrição minuciosa e pormenorizada da transformação promovida em Hannah, nos momentos que antecederam a sua autodestruição.

O processo de transfiguração de sua individualidade é significativo: de uma menina comum, inocente, cheia de luz e de esperanças, se chega à personificação de uma adolescente já morta: melancólica, assustada, sombria.

Cada uma das fitas de áudio simboliza paralelamente as etapas do *bullying* e dessa evolução íntima: 1) a vergonha e a humilhação pelo *slut-shaming*⁷; 2) o preconceito, a ruína das amizades e a exclusão grupal; 3) a objetificação/assédio; 4) o *stalking*⁸, a angústia e a solidão; 5) a difamação e o medo; 6) o desrespeito e a baixa autoestima; 7) o menosprezo; 8) a ridicularização; 9) o distanciamento e a violência sexual; 10) a penitência; 11) o trauma e a responsabilização; 12) o abuso físico e o psicológico; 13) o suicídio/perecimento.

⁷Também sem tradução para o português, o *slut-shaming* é um movimento opressivo no qual se humilha e diminui uma mulher por sua vida sexual. Xingar uma mulher de vadia, vagabunda, puta, vaca, piranha, galinha, dizer que a roupa é “curta demais” ou “de periguete” e qualquer outra forma que tenha a ver com as atividades sexuais dela configuram *slut-shaming* (KIMURA, 2017, s/p)

⁸*Stalking* (também conhecido por perseguição persistente) é um termo inglês que designa uma forma de violência na qual o sujeito ativo invade repetidamente a esfera de privacidade da vítima, empregando táticas de perseguição e meios diversos, tais como ligações telefônicas, envio de mensagens pelo SMS ou por correio eletrônico, publicação de fatos ou boatos em sites da Internet, remessa de presentes, espera de sua passagem nos lugares que frequenta, etc. - resultando dano à sua integridade psicológica e emocional, restrição à sua liberdade de locomoção ou lesão à sua reputação. Os motivos dessa prática são os mais variados: erotomania, violência doméstica, inveja, vingança, ódio ou simples brincadeira. (N. do A).

A substancialidade dessa série se estrutura na reconhecimento dos jovens e adultos com a ficção relatada e a evidenciação dos casos reais. Se por um lado a revelação desse conteúdo é benéfica à prevenção do suicídio, sob outra perspectiva, essa reconhecença arrisca-se a acarretar um aumento do número de possibilidades de cometimento de suicídio entre os adolescentes, sendo essa a controvérsia originada pela produção televisiva.

Além de ter sido um sucesso estrondoso, dadas as ousadias anteriormente apontadas, essa série também recebeu várias críticas e, dentre elas, destacamos a de que “se sua voz não for ouvida na vida, seu falecimento pode servir de amplificador – um ponto de exclamação, se você quiser – garantindo que sua mensagem seja ouvida alta e clara depois que você se foi.” (VANNOORD, 2017, s/p)

Outra crítica interessante foi produzida por Butler (2017, s/p) e nela se faz alusão à exposição sem cortes do suicídio da personagem, algo já apontado como problemático pela OWE e, além disso, ao tratar do que a literatura especializada aponta sobre o fenômeno do suicídio, o autor admoesta que essa literatura “ênfatiza que o suicídio geralmente é o resultado de causas múltiplas, muitas vezes envolvendo doenças mentais e não algo que pode ser responsabilizado por uma pessoa ou evento único.”(BUTLER, 2017, s/p)

Em nosso país ocorreram manifestações semelhantes e, dentre essas, citamos as produzidas por Villaça (2017, s/p) que de modo geral, essa e outras críticas apontam a possibilidade de que pudéssemos vir a ter o efeito *Werher* na medida em que meninos e meninas viessem a ter acesso a essa obra.

Mais uma vez, de acordo com a *World Health Organization*:

[...] Mais de 100 investigações foram realizadas em suicídios imitativos (por imitação), ou seja, suicídios que parecem estar diretamente relacionados a relatos da mídia sobre um ou mais suicídios. As análises sistemáticas desses estudos chegaram consistentemente à mesma conclusão: a comunicação social de casos de suicídio pode levar a comportamentos suicidas subsequentes, adicionais[...]. O efeito de um relatório sobre um suicídio sobre os suicídios subsequentes é maior quando a pessoa descrita na história é uma celebridade e é de grande consideração pelo leitor ou espectador. Subgrupos particulares da população (como jovens, pessoas que sofrem de doenças mentais, pessoas com antecedentes de comportamento suicida ou que sofrem de suicídio) são particularmente vulneráveis a praticar comportamentos suicidas imitativos. O risco é mais pronunciado quando as características da pessoa que morreu por suicídio e as do leitor ou espectador são, de alguma forma, semelhantes e quando o leitor ou espectador se identifica com a pessoa em destaque. Além disso, o conteúdo das histórias também desempenha um papel importante: as histórias que confirmam ou repetem

mitos sobre o suicídio ou que incluem uma descrição detalhada de um método particular de suicídio são mais propensos a resultar em suicídios por imitação (tradução do autor).

Por conseguinte, percebe-se que um dos pólos da controvérsia causada por *13 reasons why* é a necessidade de se evitar a *mimesis* do suicídio.

Por outro lado, entende-se que a exposição da temática incentiva a prudência para a inoportunidade de outros decessos. Scavacini (2017, *apud* MODELLI, 2017) menciona que: “Quanto maior o silêncio e o segredo em torno de um assunto tabu, pior para quem lida com ele. Poder falar e contar a história pode ter um efeito curativo em quem lê e em quem escreve”.

Então, a problemática persiste no tocante ao tratamento que deverá ser empregado na dinâmica de esclarecimento do suicídio, sendo uma viabilidade a inserção do pensamento filosófico para a apreensão e a adoção de uma visão analítica acerca da trama.

Suicídio e filosofia

O suicídio nunca foi um tema estranho à Filosofia. Existe desde seus primórdios, quando diversos filósofos se dedicaram direta ou indiretamente ao auto-extermínio da vida, e se evidencia com a condenação de Sócrates pelo tribunal ateniense que, ao lhe ser oferecida a possibilidade de fuga, orquestrada pelos seus discípulos, opta pelo cumprimento da pena e remete a sua famosa alusão à vida como um exercício de preparação para a morte.

Especificamente para o propósito desse texto, selecionamos três grandes filósofos que construíram textos importantes a esse respeito. Começamos pelo primeiro deles, o filósofo alemão Arthur Schopenhauer.

Este filósofo trata especificamente do suicídio em duas obras. A primeira delas ocorre em seu *opus magnum*, O Mundo como Vontade e Representação, e, além dessa obra, também é digno de nota seu pequeno ensaio sobre o suicídio que produziu em Parerga e Paralipomena. Como este último faz alusão direta a Mundo como Vontade e Representação, sendo a obra que apresenta sua visão detalhada sobre o auto-extermínio, nos fiaremos nessa última.

Grosso modo, se resumirmos a posição do filósofo sobre o suicídio, poderíamos fazê-lo conforme se segue:

Segundo Schopenhauer, o suicídio pode ser considerado um erro, porém não um crime. O suicídio impede que se alcance a meta ética mais elevada que é a liberdade moral, a que somente se pode obter pela negação da vontade de viver. O suicídio não é uma negação desta vontade de viver, é uma afirmação mais firme dela. A negação da vontade de viver consiste em fugir dos prazeres, e não dos sofrimentos da vida. Quando um homem destrói sua existência como indivíduo, não destrói sua vontade de viver. Quisera seguir vivendo, e assevera sua vontade contra o poder da circunstância; porém esta é demasiado forte para ele. (URBINA, 1996, p. 53)

As conclusões apresentadas por Urbina se assentam em algumas considerações emitidas por Schopenhauer a respeito desse tema em sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*.

Inspirando-se na filosofia oriental e, mais especificamente, na filosofia védica hindu, o filósofo alemão advoga a possibilidade de que vivemos um mundo de ilusão (Maya). Esse mundo de ilusão é capitaneado por uma força, a qual o filósofo intitula de vontade, sendo esta:

[...] a coisa em si, o conteúdo interno, o essencial do mundo, mas a vida, o mundo visível ou o fenômeno é o simples espelho da vontade, esta acompanhará a vontade tão inseparavelmente como o corpo e sua sombra: e onde haja vontade, haverá também vida e mundo. (SCHOPENHAUER, 2009, p. 325)

Visto que essa vontade, manifestada no ser humano por meio da vontade de viver, seria a causa de sofrimento e ilusão, Schopenhauer propõe que ao suprimos essa vontade de viver, alcançaremos a liberdade, a mudança transcendental frente a essa força vital. No entanto, o filósofo nos alerta que no suicídio, não temos a essa mudança transcendental, isto porque:

Nada é mais diferente dela que o próprio fenômeno individual: o suicídio. Muito longe de ser a negação da vontade, esse fenômeno supõe uma enérgica afirmação da mesma. Pois a essência da negação não consiste em odiar o sofrimento, mas os prazeres da vida. O suicida quer a vida, simplesmente está insatisfeito com as condições em que ela se apresenta. Daí que ao destruir o fenômeno individual não elimine de modo algum a vontade de viver, mas somente a vida. Ele quer a vida, quer uma existência e afirmação do corpo sem obstáculos; mas a coincidência de circunstância não o permite, o que provoca nele um grande sofrimento. A vontade de viver se encontra tão impedida nesse fenômeno individual, que não pode desdobrar sua aspiração. [...] Assim pois, a vontade de viver aparece tanto nessa autodestruição (Siva) como no bem estar da autoconservação (Visnú) e no prazer da procriação (Brahma). (SCHOPENHAUER, 2009, p. 471)

Em atos aparentemente antagônicos, tais como na autodestruição, autoconservação ou procriação, temos em todas essas manifestações a vontade de viver

e, ainda que no suicídio suprime-se o indivíduo, mantém-se a manifestação da vontade de viver na espécie.

Especificamente na série *13 Reasons Why*, se fôssemos realizar uma análise da personagem Hannah Baker, tendo como fundamento as ideias de Schopenhauer, veríamos que a personagem em nenhum momento abdica da vontade de viver. Essa vontade está sempre presente em seus desejos e expectativas e é a impossibilidade de vivê-los que a leva a aventar o suicídio.

Se pudéssemos alterar o roteiro da personagem, tendo como fundamento a proposta de Schopenhauer no que tange à mudança transcendental, caberia a Hannah Baker abdicar de seus desejos e expectativas, entendê-los como mera ilusão e, por meio deste procedimento, afastar-se paulatinamente dessa vontade de viver que a acometia a todo o momento.

Do exposto, vejamos agora como outra grande referência sobre esse tema, o filósofo/psicanalista alemão Sigmund Freud, lidou com essa questão:

Freud, um dos principais sucessores de Schopenhauer, pode igualmente ser classificado como um expoente na reflexão sobre o suicídio. No ensaio “Luto e melancolia”, ele qualifica a prostração melancólica como a sua causa primária. Nos moldes de seu pensamento, nada é tão simples quando se passa a verificar como essa disposição de espírito se organiza no âmago da personalidade e da ocorrência do perecimento do sujeito.

A tese freudiana provoca a incorporação da melancolia à decepção da pessoa quanto a um objeto extrínseco, amado e perdido por ele: o abandono daquele agente caracteriza a identificação do eu com o afeto perdido. Enquanto um quociente dessa assimilação, a carência surgida e os sentimentos dela derivados são transferidos à subjetividade do ser:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo –, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente e foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu e, a partir de então, este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (FREUD, 2010, p.133).

O raciocínio de Freud desloca-se, mais adiante, e impõe a observação ativa da atuação desses ânimos na esfera íntima do homem: a performance do eu (super-eu) em fúria, dado o perdimento da coisa, orientada ao outro eu, corresponderia ao sadismo dirigido à personalidade:

Se o amor ao objeto – a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo – refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica 135/225 desse sofrimento. O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que, por essa via, se voltaram contra a própria pessoa. Nas duas afecções, os doentes habitualmente conseguem, através do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originais e torturar seus amores por intermédio da doença, depois que se entregaram a ela para não ter de lhes mostrar diretamente sua hostilidade (FREUD, 2010, p.135).

Essa tensão, no que lhe concerne, suscita uma culpa inconsciente. A redução dessa angústia só é provável através do exercício livre da libido: ao longo dela, a pulsão de morte é externalizada. Se essa exteriorização, contudo, não sucede adequadamente, a energia é repetidamente interiorizada, o que *Freud* denomina como *masoquismo erógeno*.

Ao atuar na criatura, o masoquismo erógeno converte o “eu” em seu objeto e, dessa maneira, o sadismo é novamente introjetado no sujeito e o procedimento melancólico retorna ao seu *status quo*.

Sinteticamente, ele arrisca-se a dizer, à vista disso, que a taciturnidade é o cultivo radical da pulsão por morte e da correspondência do masoquismo e do sadismo pessoais.

Freud estabelece com precisão tal mecanismo no ensaio “O problema econômico do masoquismo”:

A volta do sadismo contra o eu (*self*) ocorre regularmente onde uma supressão cultural dos instintos impede que grande parte dos componentes instintuais destrutivos do indivíduo seja exercida na vida. Podemos supor que essa parte do instinto destrutivo que se retirou aparece no ego como uma intensificação do masoquismo. Os fenômenos da consciência, contudo, levam-nos a inferir que a destrutividade que retorna do mundo externo é também assumida pelo superego, sem qualquer transformação desse tipo, e aumenta seu sadismo contra o ego. O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos. Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com frequência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa e como a consciência de uma pessoa se torna mais severa e sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros. Poder-

se-ia esperar que um homem, se sabe que tem o hábito de evitar o cometimento de atos de agressividade indesejáveis de um ponto de vista cultural, terá por isso uma boa consciência e vigiará seu ego com menos suspeita. A situação geralmente se apresenta como se os requisitos éticos fossem a coisa primária e a renúncia ao instinto deles decorresse. Isso deixa inexplicada a origem do senso ético. Na realidade, parece acontecer o inverso. A primeira renúncia instintual é forçada por poderes externos e somente isso cria o senso ético, que se expressa na consciência e exige uma ulterior renúncia ao instinto. O masoquismo moral se torna assim uma prova clássica da existência da fusão do instinto. Seu perigo reside no fato de ele se originar do instinto de morte e corresponder à parte desse instinto que escapou de ser voltado para fora, como instinto de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal (FREUD, 2006, p.99).

Como os dogmas coletivos do ser humano são um reflexo do manejo desses impulsos individuais, o ato suicida depende unicamente do jeito com que ele se correlaciona com essas potências:

Apenas esse sadismo nos resolve o enigma da inclinação ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa. Nós percebemos, como o estado primordial de onde parte a vida instintual, um tão formidável amor do Eu a si próprio, vemos liberar-se, na angústia gerada pela ameaça à vida, um tal montante de libido narcísica, que não entendemos como esse Eu pode consentir na sua própria destruição. Há muito sabíamos, é verdade, que um neurótico não abriga ideias de suicídio que não venham de um impulso homicida em relação a outros, voltado contra si; mas era incompreensível o jogo de forças em que tal intenção consegue se tornar ato. Agora a análise da melancolia nos ensina que o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetual, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (ver “Os instintos e seus destinos”). Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica, o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu. Nas duas situações opostas do total enamoramento e do suicídio, o Eu é subjugado pelo objeto, embora por caminhos inteiramente diversos (FREUD, 2010, p.136).

Em *13 reasons why*, pode-se observar o combate obstinado dessas pulsões, bem como as suas manifestações, durante a audição dos depoimentos de Hannah.

Deveríamos utilizar a figura como uma alegoria (representação simbólica) do autodestrutivo freudiano? Sim. Hannah, ao se desenganar com os colegas da escola, alvo de suas atenções e sem uma certificação razoável do objeto perdido, orienta-se a sua subjetividade e nela transporta todos os sentimentos de raiva, frustração e fúria gerados pela falta do desejado contato público. Como consequência implacável e absoluta dessa internalização, ela opta pela própria destruição. Diante disso, o desenvolvimento da condição melancólica, da forma preconizada por Freud, é patente. Vemos em Hannah todos os requisitos indicativos da melancolia patológica:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 2010, p.128).

Outra definição filosófica para o suicídio, na adolescência, pode ser obtida da análise do livro *O mito de Sísifo*, de Camus.

O suicídio camusiano é originário da conexão dos conceitos de sentido, absurdo, vida e fim. Repensar a razão da existência inspira a viabilidade da descoberta da ausência de lógica: a substância e o despropósito da vida são antinomias intrínsecas à natureza humana, tanto quanto as noções de permanência e extinção.

O absurdo é a interseção dessa consciência, fruto da lucidez, da captação da mecanização das interações humanas, do dia a dia e do mundo:

Antes de deparar com o absurdo, o homem cotidiano vive com objetivos, uma preocupação com o futuro ou com a justificação (acerca de quem ou de que não nos importa). Ele avalia suas possibilidades, conta com o mais tarde, com sua aposentadoria ou o trabalho de seus filhos. Ainda acredita que alguma coisa da sua vida pode ser manobrada. Na verdade, ele age como se fosse livre, ainda que todos os fatos se encarreguem de contradizer essa liberdade. Após o absurdo, tudo se acha abalado. Essa ideia de que "eu sou", a minha maneira de agir como se tudo tivesse um sentido (mesmo se eu dissesse, no momento, que nada o tinha), tudo isso se encontra desmentido de uma forma vertiginosa pela incoerência de uma morte possível. Pensar no dia de amanhã, firmar um objetivo, ter preferências, tudo isso pressupõe a crença na liberdade, mesmo se, às vezes, nos convencemos de não a sentir efetivamente. Nesse instante, porém, essa liberdade superior, essa liberdade de ser que é a única a poder fundamentar uma verdade, sei muito bem, agora, que não existe. A morte está ali como a única realidade (CAMUS, 2004, p. 44).

Essa constatação, por sua vez, é o germe do estrangeirismo: o reconhecimento pela criatura de não figurar a sua verdade.

Qual é, portanto, esse sentimento incalculável que priva o espírito do sono necessário à vida? Um mundo que se pode explicar mesmo com poucas razões é um mundo familiar. Ao contrário, porém, num universo subitamente privado de luzes ou ilusões, o homem se sente um estrangeiro. Esse exílio não tem saída, pois é destituído das lembranças de uma pátria distante ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e a sua vida, entre o ator e o seu cenário, é que é propriamente o sentimento da absurdidade (CAMUS, 2004, p.9).

A habitualidade das dificuldades, o despojamento/irracionalidade do gênero humano e a escassez de liberdade acarretam a ideação do auto-extermínio. A inaptidão

de respostas para a inquirição dos porquês é a consequência da morte, na conclusão de Camus:

Trata-se de morrer irreconciliado, não de boa vontade. O suicídio é um irreconhecimento. O homem absurdo só pode esgotar tudo e se esgotar. O absurdo é a sua tensão extrema, a que ele mantém constantemente com um esforço solitário, porque sabe que, nessa consciência e nessa revolta de cada dia, ele testemunha a sua única verdade, que é o desafio. É esta uma primeira consequência (CAMUS, 2004, p. 43).

Nesse caso, meditar sobre o conteúdo de *13 reasons why* sob a ótica desse pensador é imaginar a tentativa de explicar o inalcançável: Hannah Baker é o sinônimo da ruína da esperança na presença do absurdo.

Por consequência, como considerar a validade dos fundamentos de sua dor e de sua aniquilação? Essa é a dúvida que deve servir de proposição inicial para o exercício dessa tese em sala de aula, tanto pelo professor como pelos alunos.

***13 reasons why*: abordagem pedagógica do suicídio**

O exame detalhado das opções de tratamento do tópico “suicídio” deve, dadas as suas qualidades, reter todas as ponderações necessárias à interpelação de demais enunciados polêmicos no ensino médio.

A imperiosidade de levantamento da temática, com o objetivo da prevenção, contrapõe-se à cautela exigida pela delicadeza e pela profundidade da dissensão causada pelo suicídio.

Se a identificação do risco e sua mentalização são determinantes a prevenção de casos futuros, de um novo ponto de vista, arrisca-se a incidência de estímulos a novos falecimentos voluntários.

Um terceiro detalhe a ser destacado é que o despreparo dos especialistas das variadas esferas do conhecimento para a superação desta problemática requer um discernimento absoluto sobre o suicídio, algo inverossímil ante a sua obscuridade.

Essas são algumas das inquietações causadas aos adolescentes pela série *13 reasons why*.

Outros motivos determinantes para uma precaução quanto ao seu emprego pedagógico seria a ênfase nela, dado o fato de que os jovens têm um desejo de reconhecimento e de pertencimento a um grupo, assim como o uso de referências com a finalidade de inclusão, aliado à instabilidade típica dessa faixa etária, pode estimular fortes emoções de perda.

Mas o perigo não se encontra na simples exibição do filme, e sim numa possível

identificação vivencial do jovem, com os sentimentos e pensamentos da protagonista da trama.

Pesquisas atribuem um aumento dos casos de suicídio ao acesso de pessoas vulnerabilizadas a informações gráficas, visuais ou dramáticas sobre o fenecimento veiculadas por livros, pela televisão e pela internet, bem como por outras mídias de comunicação. Esta dinâmica é intitulada de *copycat suicide*, *Werther effect*⁹, suicídio por contágio e suicídio em *cluster* (aprendizagem social de comportamentos suicidas).

David P. Phillips, sociólogo estadunidense estudioso do efeito *Werther* declara:

Como Katzman observou: "O quase realismo dos personagens e temas, a repetição em ritmo lento, e o número extremamente grande de horas passadas vendo telenovelas indicam que esses shows têm grande poder potencial. Eles podem estabelecer ou reforçar sistemas de valores. Eles podem sugerir como as pessoas devem agir em determinadas situações. Eles podem legitimar o comportamento e remover tabus"(1972, p.221). Essas considerações sugerem que as novelas podem servir como um meio de pesquisa promissor para determinar se os suicídios de personagens de ficção provocam comportamento imitativo no público(tradução do autor)(PHILLIPS, 1982, p. 1343).¹⁰

Outro dado importante a esse respeito e que tratou especificamente da série *13 Reasons Why*, foi apresentado por Ayers (et. al. 2017). Os investigadores pesquisaram o impacto da série na busca de informações sobre suicídio em ferramentas de busca existentes na Internet. Como resultado, constataram que, ao longo da série, aumentaram significativamente a busca de informações sobre o suicídio e sua prevenção, bem como a busca de informações a respeito de métodos para a concretização do suicídio. A pesquisa também levou à conclusão de que a série provocou uma maior busca de conscientização sobre o tema, mas também, involuntariamente, a ideação suicida.

Diante desse resultado, propõem-se investigar procedimentos pedagógicos que possam ser utilizados para favorecer a exploração deste tema, de modo a favorecer a

⁹Um suicídio copiado é definido como a emulação de um outro suicídio que a pessoa que está tentando se suicidar tem ciência, devido a tradição e conhecimentos locais ou a representações do suicídio original em diferentes meios de comunicação, como televisão, livros e a internet. Efeito Werther refere-se a um pico de emulações de suicídios depois de um suicídio amplamente divulgado.

¹⁰As Katzman has noted, "The almost-realism of the characters and themes, the repetition due to slow pace, and the extremely large number of hours spent viewing soap operas indicate that these shows have great potential power. They can establish or rein force value systems. They can suggest how peoples hould act in certain situations. They can legitimate behavior and remove taboos..." (1972, p. 212). These considerations suggest that soap operas can serve as a promising research site for determining whether the suicides of fictional characters trigger imitative behavior in the viewing public.

prevenção do suicídio e suprimir os eventuais desdobramentos negativos da exposição a esse tipo de abordagem audiovisual.

Conclusão

A especulação do suicídio, consubstanciada na série *13 reasons why*, e na filosofia de Camus, Freud e Schopenhauer, favoreceu a percepção de algumas causas que legitimam a ocorrência deste tipo de óbito junto aos menores, salientando a importância da exploração pedagógica desse fenômeno e trazendo a reflexão de como esse tema pode ser pensado filosoficamente.

A constatação atingida foi a de que o suicídio, no menor púbere, é impulsionado por fatores superficiais, tais como as noções do paradoxo do mundo (Camus), desordens e pulsões internas e inconscientes (Freud), e da ênfase que se dedica à vontade de viver (Schopenhauer).

Identicamente, definiu-se que a manipulação educativa do seriado *13 reasons why* deve ser rigorosa perante a facilidade de multiplicação dos índices dessa espécie de morte, pela sugestionabilidade, vulnerabilidade e habilidade imitativa do jovem (efeito *Werther*).

Não obstante, dada a seriedade do assunto, torna-se crucial o crescimento de novos métodos de apuração do extermínio voluntário: a justaposição de saberes adicionais, a experimentação de novas técnicas de comunicação sobre a temática e o ensinamento de concepções filosóficas análogas, já que o tema é, até agora, restrito e inviolável.

*Submetido em janeiro de 2018.
Aprovado em abril de 2018.*

Referências

AYERS, John. et al. **Internet Searches for Suicide Following the Release of *13 Reasons Why***. JAMA Intern Med. 2017, v. 177 ed. 10.

BUTLER, Bethonie. ***13 reasons why* depicts a graphic suicide**; experts say there's a problem with that. Internet. Disponível em: <http://www.chicagotribune.com/entertainment/tv/ct-13-reasons-why-depicts-suicide-20170417-story.html>. Acesso em: 05/01/2017.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ESCÓSSIA, Fernando da. **Crescimento constante**: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2012. Internet. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>. Acesso em: 06/01/2017.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]**. In: Obras completas (vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)**. In: Obras completas (vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOETHE, Johann W. von. **Werther**. In: Fausto & Werther. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

KIMURA, Gabriela. **Glossário da problematização**: os termos das discussões feministas. M de Mulher. Internet. Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/glossario-da-problematizacao-o-que-significam-os-termos-usados-em-discussoes-feministas/>. Acesso em: 14/01/2018.

ONUBR – Nações Unidas do Brasil. **OMS**: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo. Internet. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo>. Acesso em: 06/01/2017.

PHILLIPS, David P. **The impact of fictional television stories on U.S. adult fatalities: new evidence on the effect of the mass media on violence**. The American Journal of Sociology, 1982.

PIRALETI, Marcelo A.; MELO, José J.P. **A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 28, n. 1, p. 63-71, 2006.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga (vol. 3)**: os sistemas da era helenística. São Paulo: Loyola, 1994.

RODRIGUES, Laís M. **Suicídio: como falar sobre o ato sem promovê-lo**. São Paulo: BBC Brasil, 2017. Internet. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39714347>. Acesso em: 06/01/2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação (vol. 2)**– Complementos – Livro III-IV. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

_____. *Arthur*. **El mundo como voluntad y representación**. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

STACK, Steven. **Media coverage as a risk factor in suicide**. Inj. Prev. 8 Suppl 4, 2002.

URBINA, Gabriel E. **Baroja y Schopenhauer: senderos del pessimismo**. Tese

(doutorado em Filosofia) – Universidade do Arizona. Tucson, p.53, 1996.

VANNOORD, Jack. *13 reasons why* offers the wrong solution to teen struggles. Internet. Disponível em: <http://www.chicagotribune.com/news/opinion/commentary/ct-13-reasons-why-teen-suicide-perspec-0424-md-20170420-story.html>. Acesso em: 05/01/2018.

VILLAÇA, Pablo. **Por que não recomendo a série *13 reasons why***. Internet. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/05/por-que-ninguem-deve-assistir-13-reasons-why.html>. Acesso em: 05/01/2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: a resource for media professionals**. Internet. Disponível em: HTTP://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/resource_media.pdf. Acesso em: 03/01/2018.